

Redação 1

REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Muitos adolescentes têm sido atraídos por comunidades em redes sociais conhecidas como “machosfera” ou “manosfera”, nas quais circulam discursos de ódio e incita-se a violência contra mulheres. Você é um jovem jornalista que se propôs a participar de uma dessas comunidades com o objetivo de reunir informações sobre aquele ambiente virtual perverso e produzir uma série de reportagens a ser publicada em um jornal da mídia impressa. Concluída a pesquisa, você deu início à série escrevendo seu primeiro texto: um **depoimento pessoal**. Nele, você: **a)** narra um episódio violento que testemunhou nessa comunidade virtual e **b)** argumenta no sentido de combater discursos de ódio, que circulam no ciberespaço, dirigidos às mulheres. Para cumprir essas tarefas, você deve, *obrigatoriamente*, apropriar-se de elementos da coletânea a seguir, demonstrando *leitura crítica* dela na elaboração de seu texto.

1. A comoção causada pela série *Adolescência*, da Netflix, é sintoma de uma revelação inconveniente: a de que o perigo está dentro de casa. No enredo, o adolescente Jamie Miller (Owen Cooper), 13 anos, é autor de um homicídio. Ele esfaqueou Katie, 13 anos, sua colega de classe. E não se trata de um *spoiler*: a informação é apresentada logo no primeiro episódio. A questão que a série levanta não é quem nem como, mas por quê. E não há resposta simples nem única. *Online* e sem conhecimento dos seus pais, Jamie sofria *bullying* de Katie e acessava conteúdos *redpill* e *incel*, duas subculturas violentas da internet que compõem a chamada *machosfera* ou *manosfera*. *Redpill* é o termo usado para designar indivíduos e grupos que pregam uma superioridade masculina radicalizada e que compartilham conteúdos misóginos, de ódio e submissão de mulheres. Já *incel*, flexão em inglês das palavras involuntário e celibatário, indica pessoas que não conseguem encontrar um par romântico ou sexual. Majoritários entre os *incels*, os meninos culpam as mulheres por seu celibato involuntário e, em muitos casos, pregam a violência como uma vingança. Especialistas alertam que este tipo de conteúdo é cada vez mais comum na internet, atrai adolescentes vulneráveis em busca de pertencimento e tem potencial para radicalizá-los a ponto de discursos de ódio *online* se concretizarem em crimes cometidos no mundo real.

(Adaptado de Fernanda Mena. Radicalização de jovens é gradual e afeta vulneráveis, dizem especialistas. *Folha de São Paulo*. 25/03/2025.)

2. Em 2014, em Isla Vista, na Califórnia (EUA), Elliot Rodger, um jovem de 22 anos que se autodenominava *incel*, matou seis pessoas e feriu 14 em uma tentativa de “punir” as mulheres que o rejeitaram. Rodger gravou um vídeo antes do ataque e afirmou que cometeu os assassinatos porque as mulheres não queriam fazer sexo com ele. Depois, ele mesmo se matou. Em 2018, dez pessoas morreram atropeladas em Toronto, no Canadá, por um automóvel dirigido por Alek Minassian. Dias antes, Minassian havia publicado em sua conta no Facebook diversas mensagens sobre sua frustração: “A Rebelião *Incel* já começou!”, escreveu. Em 2021, foi a vez de Jake Davison, que divulgava muitas ideias associadas aos *incels* em suas redes sociais, matar cinco pessoas no norte da Inglaterra. Após o ataque de Davison, as autoridades do Reino Unido manifestaram a intenção de declarar os grupos *incels* como “organizações terroristas”.

(Adaptado de BBC News Mundo. Quem são os *incels*, o movimento sombrio retratado na aclamada série “Adolescência”. 21/03/2025.)

3. A expansão da *machosfera* exige uma resposta coordenada entre poder público e sociedade civil. A atuação precisa combinar mecanismos legais já existentes, projetos de educação e iniciativas voltadas à prevenção da violência de gênero e da radicalização masculina. No campo jurídico, quatro leis brasileiras já são aplicadas em casos de violência *online*:

- A Lei Maria da Penha, de 2006, passou a proteger não só vítimas de violência doméstica, como também de agressões digitais.
- A Lei Lola Aronovich, de 2018, permite à Polícia Federal investigar conteúdos misóginos que incentivem o ódio contra mulheres.
- A Lei do Sinal Vermelho, de 2021, passou a reconhecer a violência psicológica como crime, com punição para situações que envolvam ameaças, perseguições ou manipulação emocional, tanto *online* quanto presencialmente.
- A Lei 15.123/25, conhecida informalmente como “Lei dos *Deepfakes*”, de 2025, reconhece a violência psicológica contra mulher praticada com uso de inteligência artificial ou qualquer outro recurso tecnológico.

(Adaptado de Sara Coutinho. Machosfera: a violência de gênero no ambiente digital. *Nexo Jornal*. 19/06/2025.)

4. Segundo Christian Dunker, professor de Psicologia Clínica da USP, os sentimentos expostos pelo *red pill* revelam dificuldades enfrentadas pelos próprios homens, que se veem com culpa e vergonha. “Sofrem porque se sentem criminosos sociais, porque são obrigados a transformações que têm efeitos depressivos. E a violência, muitas vezes, é efeito colateral disso. É um sofrimento mal reconhecido, negado e invisível socialmente. Evolui, em tese, para formação de sintomas, para violência e disruptividade social.”

(Adaptado de Leon Ferrari. *Red Pill*: O que ‘coaches’ de masculinidade, como ‘Calvo do Campari’, têm a ver com machismo? *Estadão*. 12/03/2023.)

RESOLUÇÃO

A proposta 1 da prova de redação da Unicamp 2026 solicitou aos candidatos a produção de um depoimento pessoal, produzido por um jornalista infiltrado em uma comunidade virtual voltada à circulação de discursos de ódio e violência contra as mulheres, conhecidas como “machosfera” ou “manosfera”. Isso é feito com o objetivo de investigar esse ambiente masculinista para a produção de uma série de reportagens sobre o assunto. O relato (narrativo-argumentativo) é o ponto de partida dessa série que circulará na esfera jornalística, deveria ser escrito em 1ª pessoa do singular, e construído a partir da narração de um episódio violento testemunhado nessa comunidade, que serviria como argumento para a defesa do combate aos discursos de ódio, em ambiente virtual, dirigidos às mulheres.

A proposta, como de costume, ofereceu uma coletânea de textos que deveria ser lida criticamente para a construção da redação. O texto 1, publicado na Folha de São Paulo, mencionava a série Adolescência, muito comentada no primeiro semestre de 2025, e que gerou muitos debates, alertas e preocupações em torno do tema do ódio às mulheres, cultivado e compartilhado principalmente por jovens. O texto apresentou os termos *redpill* e *incel* (subculturas violentas que pregam a superioridade masculina, a misoginia, o ódio, a submissão das mulheres e compartilham o ressentimento por não conseguirem encontrar um par romântico ou sexual), além da relação do tema com a questão do bullying. Como na série, esses grupos pregam a vingança e a violência às mulheres ao mesmo tempo que representam o acolhimento, a partir do sentimento de pertencimento, não encontrado em outras esferas da vida, o que os radicaliza.

A leitura do primeiro texto poderia ser utilizada tanto para o cumprimento do comando a), ao mencionar um tipo de consequência grave que pode inspirar a construção do episódio solicitado ou as causas sociais para esse fenômeno, ao desenvolver um episódio em torno da ideia de pertencimento, quanto para construir a argumentação solicitada pela tarefa b) em defesa do combate ao discurso de ódio contra as mulheres.

Já o texto 2, apresenta três casos de assassinatos ocorridos nos Estados Unidos, no Canadá e na Inglaterra, respectivamente de 2014, 2018 e 2021, que aprofundam a ideia já suscitada pelo texto 1 de que essa radicalização dos jovens é crescente e um fenômeno que vem se disseminando e se sedimentando na sociedade. A leitura do segundo texto pode contribuir para a criação do episódio solicitado pela tarefa a), além de sugerir que se trata de uma rede global, não um fenômeno específico da sociedade brasileira, mas uma comunidade que envolve jovens e homens do mundo todo.

O texto 3, seguindo a ideia da expansão da machosfera, apresenta mecanismos legais já existentes na sociedade brasileira que podem ser combinados com outras ferramentas, como projetos de educação, para o combate do fenômeno virtual. São mencionadas a Lei Maria da Penha, a Lei Lola Aronovich, a Lei Sinal Vermelho e a Lei dos Deepkafes. A leitura desse texto pode ajudar os candidatos a se lembrarem do que já é considerado crime no Brasil e contextualizar de maneira produtiva o relato. Por mais que o fenômeno seja global, o interesse das reportagens a serem publicadas pelo jornalista autor do texto devem ser principalmente da sociedade brasileira.

O texto 4 traz o professor de Psicologia Clínica da USP Christian Dunker, que oferece um contraponto interessante para que o relato não se resume a desumanizar os participantes desses grupos masculinistas, o que não seria produtivo para a construção da redação. O especialista lembra que o fenômeno está intimamente relacionado com o sofrimento dos envolvidos, que sentem a pressão social por performarem uma masculinidade idealizada que não se encaixa na sociedade contemporânea e se mistura com ideias de autossuficiência e superioridade.